CONEXÃO BRASILEIRA

Na mesa do mundo

Empresas citrícolas paulistas se antecipam aos acontecimentos e adquirem plantas industriais na Flórida, EUA

IRENE RAGUENET TROCCOLI

Ao longo dos anos 90, a Flórida tem assistido a uma profunda alteração no perfil de sua agroindústria citrícola, por conta da mudança de mãos de oito plantas industriais produtoras de suco de laranja concentrado congelado (SLCC).

A norte-americana Cargill adquiriu duas unidades, uma na cidade de Frostproof (anteriormente de propriedade da Proctor & Gamble) e a outra na cidade de LaBelle (anteriormente pertencente à Berry Citrus); a japonesa Toyota adquiriu uma unidade em Howey-in-the-Hills à Silver Springs Citrus; a francesa Louis Dreyfus comprou uma unidade em Winter Garden à cooperativa do mesmo nome; a brasileira Cutrale adquiriu da Coca-Cola duas plantas industriais (tradicionalmente dedicadas à fabricação do suco Minute Maid), respectivamente nas cidades de Auburndale e Leesburg; a também brasileira Citrosuco comprou uma unidade processadora em Lake Wales à Alcoma; e a norte-americana SunPure Citrus adquiriu uma unidade na cidade de Fort Pierce, anteriormente pertencente à Indian River Foods.

É forte a presença brasileira, representada não só pelas duas maiores empresas citrícolas do Brasil, como também por duas multinacionais (Cargill e Louis Dreyfuss), cujos braços citrícolas originalmente se instalaram em São Paulo. Não é para menos que pesquisadores do Departamento de Citrus da Universidade da Flórida batizaram a presença local dessas quatro empresas de conexão brasileira.

Superando o próprio desempenho

O grande motivo para o súbito e inédito aporte no solo da Flórida é simples: o mercado do suco de laranja está mudando – e rápido. Nada mais natural, portanto, que as empresas paulistas produtoras de SLCC para exportação, que pretendem sobreviver nesse negócio e dispõem de capital para iniciativas mais arrojadas, tenham se antecipado aos acontecimentos.

Um dos motivos para a nova configuração à vista no mercado mundial do suco é o crescimento da produção de laranja na Flórida (ver AGROANALYSIS de janeiro último). Com ele, delineia-se a meta norte-americana de alcançar a auto-suficiência no suco e também passar a concorrer com o Brasil no maior mercado importador mundial de SLCC – a Europa.

Ao longo dos anos 90, a Flórida tem assistido a uma profunda alteração no perfil de sua agroindústria citrícola, por conta da mudança de mãos de oito plantas industriais produtoras de suco de laranja concentrado congelado (SLCC).

No entanto, esse aumento da oferta da matéria-prima serve para explicar apenas parcialmente a instalação das empresas brasileiras na Flórida. O que elas buscam, em última instância, é estarem geograficamente muito bem posicionadas para atender o grande público consumidor do Primeiro Mundo mais rápida e ainda mais eficientemente do que conseguem hoje. Além disso, não perdem de vista a oportunidade de lucrar com a arbitragem que poderão realizar, observando, por exemplo, se é mais interessante exportar, para a Europa, o suco produzido na Flórida ou em São Paulo.

Bebendo saúde

As empresas também estão atentas para o aumento da preferência pelo suco natural nos países desenvolvidos, às expensas do suco concentrado. Dispostos a pagarem mais por produto de melhor qualidade, os consumidores europeus e norte-americanos vêm aumentando seu consumo daquela bebida. Nos EUA, por exemplo, o preço ao consumidor do suco natural é cerca de 65% superior ao do suco concentrado e 40% maior do que o do suco reconstituído pronto para beber.

Em meados de 1997, segundo a A C Nielsen, as vendas do suco natural, em super-

Suco de laranja concentrado congelado no Brasil e na Flórida

Custos de produção e processamento em US$/libra sólida – 1998

Item	*Brasil*[1]	*Flórida*[2]
Custos agrícolas	0,24	0,32
Custos de capital	0,11	0,15
Colheita e transporte	0,13	0,29
Custo total para fruta entregue na fábrica	0,48	0,76
Custos de processamento	0,15	0,18
Taxa para suporte de *marketing*[3]	0,00	0,03
Transporte do porto à fábrica	0,02	0,00
Custo total para suco concentrado congelado	0,65	0,97

Fonte: Departamento de Citrus da Flórida.

[1] Porto de Santos.

[2] Fábrica na Flórida.

[3] Taxa paga pelos citricultores norte-americanos ao Departamento de Citrus da Flórida para cobertura dos custos de propaganda, promoção, pesquisa científica e atividades de pesquisas econômicas e de mercado.

mercados norte-americanos com faturamento anual igual ou superior a US$4 milhões, já alcançavam 30% das vendas do suco de laranja sob todas as formas.

Instalando-se na Flórida, os produtores brasileiros contornam o problema da exportação do suco natural de laranja à América do Norte. Sem a viagem por mar, o sabor do produto só pode melhorar, já que a duração da viagem obrigava a transportar a bebida congelada.

Além disso, aumentam as margens de lucro dos fabricantes, já que, sob a forma natural, o suco alcança volume seis vezes maior do que sob a forma concentrada, implicando muito maior custo de transporte marítimo e de estocagem.

Instalando-se na Flórida, os produtores brasileiros contornam o problema da exportação do suco natural de laranja à América do Norte. Sem a viagem por mar, o sabor do produto só pode melhorar, já que a duração da viagem obrigava a transportar a bebida congelada.

Mudando o modelo

O estabelecimento das empresas brasileiras na Flórida está contribuindo para mudar a configuração tradicional do mercado de suco. Composta por dois pólos distintos de produção – Brasil e EUA – essa configuração historicamente supria a Europa com o suco brasileiro, que complementava ainda a produção norte-americana.

A entrada das empresas brasileiras em solo norte-americano rompe definitivamente com esse paradigma, na medida em que os mercados mundiais do suco e da laranja para processamento tornam-se mais estreitamente interconectados e mais eficientes em termos de transferência de preço e de fluxos de produtos. Assim, qualquer eventual mudança no preço do suco congelado em Roterdã, por exemplo, terá impacto maior e mais rápido nos preços das laranjas brasileira e norte-americana, assim como sobre o faturamento dos esmagadores independentes na Flórida.

O Departamento de Citrus da Universidade da Flórida vem manifestando preocupação a respeito deste último ponto. Seu temor se deve ao fato de o tradicional perfil citrícola floridiano, composto de diversas esmagadoras de menor porte, ser totalmente diverso do modelo paulista de oligopólio. Além do mais, embora ainda não tenham chegado a esse ponto na Flórida, tanto a Citrosuco como a Cutrale possuem pomares próprios em São Paulo, característica incomum às esmagadoras da Flórida.

Maior concentração do parque industrial floridiano vem sendo vista como prejudicial ao poder de barganha dos agricultores norte-americanos, levando inclusive às primeiras previsões de que o processo possa vir a ser barrado pela legislação antitruste daquele país. Para reforçar o argumento, cálculos preliminares dão conta de que a conexão brasileira já se responsabiliza por cerca de 30% da produção de SLCC na Flórida.

E-mail: irene@fgv.br

Extra!

FEIJÃO

Não dá para o gasto

Apesar de segundo maior produtor mundial, o Brasil não consegue produzir feijão em quantidade suficiente

Jane Mary Gondim de Souza

No Brasil são cultivados anualmente cerca de 45 milhões de hectares com lavouras temporárias. Oito culturas utilizam 95% dessa área: milho (30%), soja (23%), feijão (11%), arroz (10%), cana-de-açúcar (9%), trigo (5%), mandioca (4%) e algodão herbáceo (3%).

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de feijão. Aqui são colhidos anualmente, em média, 5 milhões de hectares. A produção brasileira atinge cerca de 3 milhões de toneladas por ano e encontra-se estacionada nesse patamar desde a safra 1993/94. Isso representa 17% da produção mundial do grão. O único país a superar o Brasil é a Índia, com cerca de 3,9 milhões de toneladas (24% da produção mundial).

Infelizmente, o rendimento médio da lavoura de feijão no Brasil é um dos mais baixos do mundo. Enquanto, no Brasil, são colhidos cerca de 600kg/ha, outros países chegam a produzir 700kg/ha (Venezuela e Tailândia), 900kg/ha (Peru e Colômbia), 1000 kg/ha (Bolívia, Argentina e China) e 1.700 kg/ha (Japão e Estados Unidos).

Trajetória

A produção nacional apresentou tendência crescente de 1990 a 1994. A partir de então tem havido declínio sistemático, tendo a safra 1996/97 totalizado 2,9 milhões de toneladas, segundo a Conab. A previsão para a safra 1997/98 situa-se em torno de 2,2 milhões de toneladas, 24% menor do que a anterior. Diferentemente do Brasil, a tendência crescente no Nordeste prolongou-se de 1990 até 1996, a partir de quando começou a declinar. Em agosto, a Conab projetava a safra 1997/98 em 475 mil toneldas, embutindo uma queda em torno de 56% com relação à colheita anterior.

Um dos pontos que distinguem a produção nordestina da nacional é a sua maior instabilidade, influenciada especialmente pelas secas. No intervalo 1990/98 verificam-se produções de 479 mil a 1.244 mil toneladas (variação de 160%), enquanto essa oscilação, no Brasil, foi de 45%.